

## A NATUREZA DA CRISE CONTEMPORÂNEA DO CAPITAL E OS DESAFIOS RUMO A UMA ALTERNATIVA RADICAL NA OBRA DE ISTVÁN MÉSZÁROS<sup>1</sup>

*The nature of the capital contemporary crisis and the challenges in the direction of a radical alternative in the work of István Mészáros*

BITENCOURT, Celeste Deográcias de Souza<sup>2</sup>

Várias questões permeiam o debate contemporâneo do ponto de vista da crise permanente do capital e de seu ressurgimento a cada imposição colocada por seus representantes. Mais recentemente, a partir de 2008, ganhou destaque a crise dos mercados imobiliário e financeiro dos Estados Unidos, que se desenrolou como um *tsunami* na economia global, embora, para o Brasil, a sua repercussão não passasse de “uma marolinha”, como assegurou-nos o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Fato é que as consequências dessa crise ainda hoje se fazem sentir, com a economia mundial, e também a do Brasil, em declínio.

É nesse contexto que o livro *A crise estrutural do capital* foi concebido. Mais particularmente, através da troca de correspondência, em janeiro de 2009, entre o seu autor, o filósofo húngaro István Mészáros, e o organizador da Coleção Mundo do Trabalho, pela Boitempo Editorial, o sociólogo brasileiro Ricardo Antunes. Foi quando então aquele manifestou a este a ideia de publicar um conjunto de ensaios escritos desde 1970 até os mais atuais, de 2009, em um livro que pudesse, de algum modo, resgatar sua análise e indicar, como escreve Antunes (2011, p.9), “uma linha de continuidade decisiva para a compreensão dos elementos determinativos mais essenciais”, elementos esses presentes em sua análise sobre a crise.

O leitor verá que é oportuna a reedição do livro, que cumpre com o intento do autor, pois nos permite apreender, claramente, a originalidade de sua elaboração, pela forma incisiva como aborda e analisa o caráter e a natureza da crise. Possibilita-nos, ainda, visualizar a linha de “continuidade dos elementos determinativos mais essenciais” (2011, p.9), não só para esta temática, mas também para o conjunto das tematizações presentes em sua grandiosa e monumental obra, composta por 19 títulos, traduzida e publicada pela Boitempo Editorial, como nos informa sua coordenação em Jinkings e Nobile (2011, p.271-272).

*A crise estrutural do capital* está estruturado em oito capítulos, oriundos de artigos, conferências e entrevistas, sendo: I – A crise em desdobramento e a relevância de Marx (Conferência proferida na Venezuela em 2008); II – A crise atual (publicado pela primeira vez no Brasil, em 1989, pela Editora Ensaio); III – A necessidade do controle social (texto para a I Conferência

<sup>1</sup> A resenha refere-se à obra de MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. Tradução de Francisco Cornejo. 2.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011. As referências relativas a ela, ao longo do texto e como forma de tornar mais confortável a leitura, serão indicadas apenas pelo ano de publicação seguido da respectiva paginação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela FaE/UFMG, Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana pela UERJ, Graduação em Geografia pela UFMG. Professora de Geografia da Educação Básica da Prefeitura Municipal de Betim. E-mail: <celdeminasfae@yahoo.com.br>.

Isaac Deutscher Memorial, proferida em 26/01/1971, em Londres); IV – Política radical e transição para o socialismo: reflexões no centenário de Marx (é um capítulo de *Para além do Capital*, 1995, mas publicado, anteriormente, no Brasil, em 1983); V – Bolívar e Chávez: o espírito da determinação radical (publicado na revista *Margem Esquerda*, 2006);<sup>3</sup> VI – A importância do planejamento e da igualdade substantiva (2009);<sup>4</sup> VII – Uma crise estrutural do sistema (entrevista de janeiro de 2009);<sup>5</sup> VIII – As tarefas à nossa frente (entrevista concedida à revista *Debate Socialista*,<sup>6</sup> em maio de 2009).

#### **A NATUREZA DA CRISE ESTRUTURAL QUE AFETA A HUMANIDADE**

Mais diretamente em quatro dos ensaios que compõem esta coletânea, Mézáros expõe sua linha de análise da realidade do desenvolvimento social sob a imposição do capital e sua natureza de crise estrutural que, segundo ele, é de tamanha proporção que ameaça a existência humana, o que pode ser lido ao longo do Capítulo III, cuja temática é *A necessidade do controle social*. Apresenta também as soluções que o sistema procura implementar para tentar sair da crise, mas demonstra os limites dessas ações diante da impossibilidade de superar as contradições fundamentais que são imanentes à constituição do capital. Por isso considera “qualquer forma de neo-keynesianismo”, e mesmo as “políticas de ‘reformas social-redistributivas’ do keynesianismo ‘de esquerda’”, apenas paliativos, “não importando quão bem-intencionados sejam os que continuam a defender essa saída já tentada e definitivamente fracassada do ponto de vista da classe trabalhadora” (2011, p.139).

Mézáros denuncia as brutais consequências da crise que recaem sobre a maioria da sociedade com o domínio do capital: o desemprego estrutural, a destruição da natureza, o risco constante de novas guerras, a crise alimentar global, sinais que denotam, claramente, a crise estrutural do sistema produtivo e reprodutivo da sociedade. Porém, não se limita a fazer a denúncia, ainda que densa e em profundidade. Empreende um grande esforço em apresentar uma alternativa que seja hegemônica, sustentável e supere esta ordem, o que só poderia se materializar num genuíno projeto socialista em escala global e pode ser percebido na leitura dos demais artigos que compõem o livro, cuja máxima é “socialismo ou barbárie”. Barbárie que já vivenciamos, em seus grandes traços, e pode agudizar-se até a brutal estupidez humana da autodestruição, como bem demonstra o atual arsenal produzido pela indústria bélica usado em larga escala nos vários conflitos ao redor do mundo.

Dentre as muitas temáticas que Mézáros aborda, nesta e no conjunto de sua obra, podemos destacar a sua contribuição para o esclarecimento de pelo

---

<sup>3</sup> Mézáros, além de compor o Comitê Editorial, constantemente publica seus ensaios no periódico. Cf. Mézáros (2006a).

<sup>4</sup> Cf. Mézáros (2009).

<sup>5</sup> Cf. Orr e Ward (2009).

<sup>6</sup> A revista foi publicada, na forma impressa, no período entre 2005 e 2010, e, como pode ser verificado em <<http://csolpsol.org/debate-socialista/>>, foi resultado de esforço coletivo de dirigentes sindicalistas no seio do movimento social da classe trabalhadora. Outras informações disponíveis em: <<http://revistadebatesocialista.blogspot.com.br/>>. Não foi possível localizar conteúdo disponível na forma eletrônica.

menos três ordens de desafios. O primeiro grande desafio é realizar a captura do real movimento do sistema do capital em sua fase atual, com sua natureza de crise estrutural, global, destrutiva, cujas contradições antagônicas e irreconciliáveis não podem ser solucionadas sob esta ordem. O segundo desafio é realizar um reexame da especificidade do sistema do tipo soviético e, nessa temática, apresenta uma tese inédita, corajosa, inovadora e que está longe de alcançar alguma unanimidade no movimento socialista. Mészáros (2002, p.50) caracteriza o modelo soviético como um “sistema do capital pós-capitalista” para ainda sentenciar que “absolutamente nada tinha em comum com o socialismo” original da elaboração marxiana, o que não implica o abandono da perspectiva socialista, e sim a necessidade de um reexame crítico dessa experiência. Sua terceira contribuição, para um desafio considerado por ele como uma demanda histórica das mais urgentes - diante do risco real, iminente e contínuo de destruição das condições da vida humana -, é a elaboração de uma teoria da transição socialista, na qual uma de suas teses centrais é como visualizar uma transição que vá *para além do capital*.

A *crise estrutural do capital* aborda, mais diretamente, dois desses três grandes desafios e apresenta uma análise da “crise estrutural do sistema do capital em sua totalidade”. Desenvolve, nessa coletânea, um alerta de que, para a esfera social, não é indiferente se estamos vivenciando uma crise estrutural ou conjuntural. Esta não é uma questão meramente acadêmica, de indicar os tipos ou modalidades de crises, embora, nesse aspecto, também a distinção seja importante, pois demanda diferentes categorias de análise. A importância de uma conceituação adequada se justifica porque traz implicações diretas para o estabelecimento de estratégias para o movimento social. Portanto, saber indicar as diferenças relevantes e cruciais entre uma e outra, se a crise é periódica, conjuntural, cíclica ou estrutural, é um desafio a ser superado.

Mészáros procura demonstrar que nada é mais sério que a crise estrutural do modo de reprodução sociometabólica do capital, pois ela afeta a própria estrutura em sua totalidade. Apresenta-nos quatro características da crise estrutural, quatro aspectos principais que definem a novidade histórica da crise atual: primeiro, seu *caráter é universal* – não restringe a uma área particular, setor ou ramo; segundo, seu *alcance* é, de fato, *global* – não está restrito a um conjunto particular de países; terceiro, sua *escala de tempo* é extensa, contínua, persistente, *permanente*; por fim, o quarto aspecto relaciona-se ao seu *modo* de se desdobrar, que poderia ser chamado de *rastejante*, diferente e em contraste com as erupções e colapsos mais espetaculares e dramáticos do passado, embora não se exclua as convulsões (MÉSZÁROS, 2011a, p.55-56, grifos do autor).

Classifica-a, portanto, como uma “crise de dominação”, pois expõe uma “contradição fundamental e dinâmica da totalidade” da estrutura de produção econômica e reprodução social do sistema do capital em sua “fase histórica de desintegração”. De tal profundidade que repercute nas instituições mais fundamentais de controle da sociedade de classes, como a família, a religião e a educação. Por conseguinte, sua natureza não é somente financeira, mas também social, cultural, econômica e política (2011, p.54-67).

Embora a dificuldade em precisar, com exatidão, o momento e os eventos que desencadeiam uma crise de tal envergadura, Mészáros indica-nos três grandes “confrontações sociais” que demonstram a erupção e a dimensão da crise estrutural do capital, que prossegue em seus desdobramentos até os dias atuais. São elas: a Guerra do Vietnã; o Maio de 1968, na França; e a repressão às tentativas de reforma na Tchecoslováquia e na Polônia, sublinhando as contradições nas sociedades do “socialismo real”, como parte integrante da crise estrutural geral (2011, p.82).

O primeiro evento remete-nos para “as relações de exploração dos países subdesenvolvidos pelos países capitalistas ‘metropolitanos’, nas suas determinações recíprocas”. O segundo expõe os “problemas e contradições dos ‘países capitalistas avançados’, tomados em si e na conjunção de uns com os outros”. O terceiro denuncia “os vários países pós-capitalistas ou sociedades do ‘socialismo real’ como relacionados e, às vezes, confrontando-se, mesmo militarmente, uns aos outros”. Portanto, é no âmbito das relações e inter-relação dessas três dimensões que englobam o conjunto dos países do mundo, que a “ação de algumas forças e tendências poderosas” evidencia a “crise estrutural do capital que se aprofunda” (2011, p.82).

Desde os referidos e marcantes acontecimentos, Mészáros identifica e alerta, veementemente, para as evidências de uma crise estrutural do sistema capitalista sob a hegemonia e imposição, brutal e militarmente ameaçadora, dos Estados Unidos de seu *modus operandi* a todos os povos e países. Essa prática levou Mészáros a caracterizar o sistema capitalista americano como “imperialismo de cartão de crédito” (2011, p.130). Sua tese de hegemonia dos Estados Unidos é sustentada contrariando, diretamente, a tese do “declínio dos Estados Unidos como potência hegemônica” (2011, p. 40)<sup>7</sup> e afirma que a tese do “declínio” superestima a “gravidade e imediatez da crise atual”. Insiste em indicar que são altas demais as exigências e totalmente insustentável o *modus operandi* que o imperialismo americano impõe ao resto do mundo, para não só sustentar sua própria existência, mas, acima de tudo, se manter como o “motor” da economia capitalista mundial, tal como se autoprojeta.

O autor reafirma que as contradições dizem respeito ao “conjunto interdependente do sistema do capital global no qual o capital americano ocupa, mantém e, na verdade, continua a fortalecer sua posição dominante de todos os modos”. Esclarece-nos, ainda, que essas contradições são de natureza diferente e não podem ser confundidas com as crises cíclicas tradicionais, pois superam os “limites historicamente conhecidos das crises cíclicas”, seja pelo *âmbito*, seja pela *duração* da crise atual. Enfatiza que, “à medida que os sintomas de crise se multiplicam e sua severidade é agravada, parece muito mais plausível que o conjunto do sistema esteja se aproximando de certos *limites estruturais do capital*” (2011, p.41, grifo do autor). Alerta ainda que “precisamos encarar a perspectiva de complicações muito sérias, quando o calote dos EUA reverberar na economia global com

---

<sup>7</sup> Cf. Amin *et al.* (1982). Mészáros refere-se ao volume coletivo de “quatro intelectuais de esquerda, altamente respeitados”, mas que, segundo Mészáros, “prematuramente anunciaram” a referida tese. São eles: Samir Amin, Giovanni Arrighi, Immanuel Wallerstein (estes três, autores indicados da referência indicada no início da nota) e Andre Frank.

toda sua força num futuro não muito distante” (2011, p.42). Hoje, mais que naquele momento, esse alerta é extremamente realista. Aliás, confirma que sua autoria é de um filósofo, comprovadamente comprometido com a perspectiva filosófica de não só conhecer o mundo, mas também transformá-lo, pois estamos todos a sentir os efeitos do *tsunami* provocado pela recente quebradeira financeira da economia estadunidense.

É diante deste quadro de contradições insolúveis que Mészáros chama-nos a atenção para “a necessidade de uma teoria da transição” socialista, a que se refere no item 3 do Capítulo IV – *Política Radical e Transição para o Socialismo: Reflexões no Centenário de Marx* (2011, p.80-83). Uma teoria que apresente uma “avaliação adequada” das possibilidades reais da humanidade rumar para uma sociedade genuinamente socialista, no espírito do projeto socialista original visualizado por Marx, que implica a superação do domínio do capital em escala global e, na sua formulação, “ir para além do capital”. Pois, a par da fracassada experiência histórica que, inegável e realisticamente diz-nos que erros impeditivos foram cometidos nessa travessia, não nos diz da impossibilidade de fazê-la, como também argumenta, de forma esclarecedora, Tonet (2004).

Propugnar, ainda hoje (de acordo com o pensamento conformista dominante) ou, mais do que nunca (como uma tendência histórica e em consonância com o pensamento revolucionário de Marx), a realização dessa “mudança estrutural radical” e pretender alcançar essa “transformação fundamental” seria um apelo a uma utopia irrealizável? Mészáros responde com um não redundante, pois, para ele, o que é utópico, de acordo com as teorias utópicas modernas, é o que foi tentado, por exemplo, por Robert Owen: projetar que a “melhoria pretendida nas condições de vida dos trabalhadores poderia ser alcançada no âmbito da *base estrutural existente* das sociedades criticadas”. Complementa, ainda, que Marx escreveu *O Capital* com esse propósito, o de contribuir para a derrocada do capital e toda a sua obra pretendeu identificar, com rigor científico e paixão socialista, as possibilidades dessa transformação, na perspectiva de rumar para o “reino da nova forma histórica” (2011, p.75).

Mészáros (2004) combate, veementemente, a ideologia burguesa e suas variantes que apregoam o “adeus ao proletariado”, o “fim do trabalho”, o fim da história e o fim das ideologias – na verdade, elas mesmas, ideologias – que tentam eternizar a ordem vigente e insistem na afirmação de que “*não há alternativa*”. Diferente e contraditoriamente, vai afirmar que há a possibilidade real de uma alternativa. Considera que estamos, hoje, mais próximos dessa transição que à época de Marx, portanto, se for uma utopia, é uma utopia realizável, pois as condições objetivas são favoráveis e novas potencialidades históricas da ofensiva socialista estão presentes e são inerentes à crise estrutural do capital.

Alerta, no entanto, que essa percepção não deve induzir-nos ao voluntarismo e ao imediatismo e deve ser entendida, exatamente nos termos em que é posta - como “possibilidade” e “tendência histórica” -, em que o projeto socialista adquire uma “nova atualidade histórica e mais urgente em vista da intensidade e severidade da crise estrutural do capital”. O reconhecimento de que nosso tempo está carregado dessa “potencialidade e possibilidade

histórica” pode ativar nosso otimismo para afirmar que somos contemporâneos da “nova fase histórica da ofensiva socialista”, o que não significa acreditar que, de agora em diante, o percurso seja tranquilo e a vitória próxima.

#### **A NECESSIDADE DE ELABORAR UMA TEORIA GERAL DA TRANSIÇÃO SOCIALISTA**

Para que se possa ser bem-sucedido no cumprimento da tarefa histórica de uma transição socialista, faz-se necessário perseguir várias e novas estratégias socialistas orientadoras, que são indicadas por ele como essencialmente vitais. Dentre as quais e à luz da experiência histórica passada, deveríamos principiar indagando: Fazer revolução para quê? Pois é necessário identificar a meta e o alvo apropriado da transformação socialista que é ir “*para além do capital*”, pois a identificação equivocada do alvo “traz consigo, inevitavelmente, sérias consequências para o movimento socialista, como é dolorosamente bem conhecido da história passada” (2011, p.76).

Para uma profunda compreensão do significado de “*para além do capital*”, que é “um problema importante, tanto do ponto de vista teórico quanto prático”, faz-se necessário atentar para a inédita e elucidativa tese que Mézáros apresenta da distinção entre capital e capitalismo. Para ele, tal distinção ancora-se na própria produção de Marx, que chamou o seu primeiro trabalho de *O capital* e não de “capitalismo” e no qual ele definiu o objeto do volume primeiro como “o processo de produção do capital”, e não como o processo de “produção capitalista”, pois que este é um “assunto radicalmente diferente” (2011, p.76).

Informa-nos, ainda, que “capital é uma categoria histórica dinâmica e a força social a ela correspondente aparece – na forma de capital ‘monetário’, ‘mercantil’ etc. – vários séculos antes de a formação social do capitalismo, enquanto tal, emergir e se consolidar”. Tanto que Marx empenhou-se em “apreender as especificidades dessas várias formas do capital” e o movimento de “suas transições de uma a outra, até finalmente o *capital industrial* se tornar a força dominante do metabolismo socioeconômico e objetivamente definir a fase clássica da formação capitalista”. Isso compreende o grande empreendimento de Marx contra os teóricos da economia política, em demonstrar o caráter específico e histórico do capital industrial, como também do modo capitalista de produção de mercadorias, que se distingue da “produção de mercadorias” de forma não capitalista, pois esta precede a primeira, também em muitos séculos antes (2011, p.76-77).

Assim é que os “problemas reais da transformação socialista não podem ser apreendidos sem o completo conhecimento de que o capital e a produção de mercadorias não só precedem, mas também necessariamente sobrevivem ao capitalismo”, como bem comprova o desmoronamento e retrocesso do modelo soviético. É a partir dessa elaboração que Mézáros defende sua tese pouco digerida pelo movimento socialista de que a URSS não transitou

para o socialismo e configurou-se como um “sistema do capital pós-capitalista”.<sup>8</sup>

Por tudo isso, Mészáros enfatiza que o “objetivo estratégico fundamental do socialismo” é avançar *para além do capital*, “superando, assim, efetivamente, o mundo do capital propriamente dito”. Sem, contudo, deixar de considerar também que o projeto socialista é “realizável somente como um processo histórico complexo, com todas as suas contradições e potenciais retrocessos e perturbações” (2011, p.77-78).

Por não ser tão clarividente e porque nos remete às experiências passadas e àquelas ainda postas em prática na atualidade, além de demonstrar como se faz necessária a articulação das quatro ordens de desafios que percebemos serem realçadas nos textos de Mészáros e qual o profundo sentido destes, citamos um trecho que, embora longo, é ilustrativo do que estamos tratando.

O objetivo estratégico real de toda transformação socialista é, e continua sendo, a radical transcendência do próprio capital, em sua complexidade global e na totalidade de suas configurações históricas dadas e potenciais, e não meramente dessa ou daquela forma particular de capitalismo mais ou menos desenvolvida (subdesenvolvida). É possível visualizar a negação e a superação do capitalismo numa estrutura sócio-histórica particular, dado que as próprias condições específicas favorecem tal intervenção histórica. Ao mesmo tempo, a estratégia muito debatida do “socialismo num só país” é efetivável apenas como um projeto pós-capitalista limitado – isto é, ainda não inerentemente socialista. Em outras palavras, é realizável apenas como um passo na direção de uma transformação sócio-histórica global, cujo objetivo não pode ser outro senão ir para além do capital em sua totalidade. Além disso, o fato inevitável é que a fase pós-capitalista como um todo permanece – mesmo se em grau potencialmente diminuído – no interior dos limites e parâmetros estruturais objetivos das determinações últimas do capital, os quais, contrariamente às práticas stalinistas, não podem ser concebidos como se fossem nada mais do que a subjetiva manipulação conspirativa do “inimigo”. Consequentemente, o verdadeiro processo de reestruturação radical – condição crucial para o sucesso do projeto socialista – só pode progredir se os objetivos estratégicos para a supressão radical do capital, enquanto tal, reduzirem consciente e persistentemente o poder de regulação do capital sobre o próprio sociometabolismo em vez de proclamarem como realização do socialismo algumas limitadas conquistas pós-capitalistas (2011, p.78).

Após indicar o sentido de “*para além do capital*” (2011, p.76-78), Mészáros passa a abordar a atualidade histórica de uma segunda ordem de problema – a necessidade de uma “*ofensiva socialista*” -, entendida como uma “tendência histórica” e que demanda “grandes mudanças institucionais” para que a “tendência histórica” possa se efetivar. Assim, uma contradição fundamental está posta: como visualizar e responder à necessidade dessa ofensiva com instituições e instrumentos de luta do movimento socialista existente, que foram construídos para a *defensiva* em condições históricas muito diferentes no passado e que se constituíram em oposição ao capitalismo e não ao capital, enquanto tal, e de modo, fundamentalmente, *defensivo* (2011, p.79).

Uma reestruturação radical das instituições de luta socialistas se faz necessária para que se constitua uma estrutura organizativa adequada à ofensiva socialista. Cujas funções não é só negar a ordem dominante, mas também, e simultaneamente, exercer as “funções vitais positivas de controle, na nova forma de autoatividade e autogestão, capazes de romper o círculo

---

<sup>8</sup> Portanto, não apenas em razão do “atraso asiático”, embora este tenha se tornado um “complicador adicional, sob circunstâncias sócio-históricas e políticas determinadas”, mas em decorrência da profundidade dessas “determinações estruturais” (2011, p.76-77).

vicioso do controle social do capital e da dependência negativa e defensiva em relação a ele” (2011, p.79).

Segundo Mészáros, “*ir para além do capital*” e visualizar uma “*ofensiva socialista*” são “objetivos paradigmáticos da transição ao socialismo”. Estas nos remetem ao terceiro desafio, que é a necessidade de uma “*teoria geral da transição socialista*” em conexão com as condições atuais, uma vez que emergiu, objetivamente, na agenda histórica e significa o desafio de “como passar do mundo negado do capital” ao “reino da nova forma histórica”. Vai nos advertir que a transição hoje não pode mais ser conceituada num sentido histórico-social limitado, parcial (em um só país). A necessidade de uma “*transformação social radical*” coloca-se como um fenômeno em escala global (2011, p.83). E mais: a teoria da transição tem que se orientar e estar articulada às três outras perspectivas, as duas mencionadas, anteriormente, e a quarta, que se apresenta a seguir.

O quarto desafio trata do “papel que a *política radical* é chamada a jogar nessa reestruturação fundamental da sociedade como um todo e necessária em qualquer transição para o socialismo”, diferente e em contraste com as “discussões que tendem a responder à presente crise simplesmente advogando reestruturações limitadas da economia”. A complexidade e os desafios postos para a *política radical* no sentido de que obtenha êxito são imensos, tanto que não nos é possível mencioná-los neste espaço.<sup>9</sup>

Mas podemos indicar que Mészáros destaca que, como precondição e único caminho para que a *política radical* obtenha sucesso, é preciso fundir o “poder de tomada de decisão política com a base social da qual ele foi alienado durante tanto tempo”. Criar, por esse meio, um novo modo de ação política e uma nova estrutura – determinada, genuinamente, pela massa – de intercâmbios socioeconômicos e políticos se coloca como um desafio histórico a ser conquistado. Isso se revela, no contexto atual, na “necessidade de reestruturação radical da própria política, pela qual a realização dos objetivos econômicos socialistas, pela primeira vez, torna-se factível como um todo”. É urgente “complementar a política parlamentar-institucionalizada” com a “ampliação de áreas e formas de ação extra-parlamentar” (2011, p.90).

Mészáros (2006) declara que, somente através da “*transcendência positiva* da autoalienação do trabalho em toda a sua multifacetada complexidade condicionante” poderemos instaurar não a chamada “sociedade do conhecimento”, mas a verdadeira sociedade humana. Por isso, defende a necessidade de uma teoria para a transição socialista. Pautada por princípios orientadores que norteie o movimento socialista na implementação de uma organização social que seja política, econômica, filosoficamente alternativa, sustentável e ancorada na igualdade substantiva entre os trabalhadores, livremente associados e guiados pela perspectiva de rumar para além do capital, tal como vislumbrada, originalmente, nos primórdios da elaboração socialista, na construção de uma sociedade dos iguais.

---

<sup>9</sup> Cf. o item 4, Capítulo IV – *Política Radical e Transição para o Socialismo: Reflexões no Centenário de Marx* (2011, p.84-90).

Assim, acreditamos que *A crise estrutural do capital* recoloca um debate fundamental e há muito tempo presente para os leitores da revista *Trabalho & Educação* – e do Campo de Pesquisa em Trabalho e Educação –, sobre a centralidade do trabalho e o papel da educação num processo emancipatório. Nesse livro, Mészáros evidencia a sua firme convicção de que há a possibilidade real de uma alternativa, mas que esta só terá chance de sucesso e poderá ser sustentável se tiver como centralidade a totalidade do trabalho. Requer ainda que o movimento socialista ative o “*poder da ideologia emancipadora*”, e assim torne “reais as potencialidades socialistas de que está carregado nosso tempo histórico”. Há que se atentar para o que apareceu na “agenda histórica”, que é a “urgente necessidade de instituir a *alternativa hegemônica* do trabalho à ordem estabelecida”. Alerta também que, nesse processo, a educação cumpre um papel crucial. Para Mészáros (2006), é inadequado dizer que “apenas os mecanismos de produção e troca” explicam o funcionamento real da sociedade capitalista – “nenhuma sociedade pode perdurar sem seu sistema próprio de educação”.

Sendo que a verdadeira dimensão do problema educacional<sup>10</sup> é contribuir para a interiorização do sistema de valores dominantes em todas as suas dimensões e é através desse processo, formativo, ideologicamente estruturado, que “os indivíduos ‘contribuem para manter uma concepção de mundo’ e para a manutenção de uma forma específica de intercâmbio social, que corresponde àquela concepção de mundo” (MÉSZÁROS, 2006, p.263-264).

Então, um processo emancipatório requer uma concepção de educação que se afaste, radicalmente, das práticas educacionais dominantes no capitalismo, que, embora se restrinja, institucionalmente, a um período limitado da vida dos indivíduos, é reforçada, cotidianamente, por toda a parte e durante toda a vida pela dominação ideológica que orienta para os valores da sociedade de mercadorias. Mészáros defende que, para uma transformação socialista plenamente sustentável, a concepção educativa requer o “desenvolvimento contínuo da consciência socialista na sociedade como um todo”.

Com a reedição dessa coletânea de Mészáros, o leitor terá, mais uma vez, a oportunidade de estabelecer contato com suas várias, inéditas e polêmicas teses, que procuramos realçar, ainda que nos limites desta resenha. A elaboração meszariana é, com certeza, inquietante, representa um convite à reflexão e contribui para aguçar ainda mais “o fermento social e intelectual” que o autor identificou nos povos latino-americanos como mais promissor ao processo de emancipação humana que no resto do chamado “capitalismo avançado”.

É assim que, em sua erudição filosófica, recupera a radicalidade da teoria social marxiana e sua dimensão de universalidade. Leva-nos a percorrer a longa gestação histórica dos princípios que norteiam a perspectiva da emancipação humana, ao indicar os grandes nomes que tiveram a lucidez em realçá-los, como Babeuf, Rousseau, Simon Bolívar, Paracelso, José Martí,

---

<sup>10</sup> O tema educacional é tratado, mais especificamente, no Capítulo 10 – *A alienação e a crise da educação*, em Mészáros (2006, p.263-282) e no Capítulo 8 – *A educação para além do capital*, em Mészáros (2007, p.195-225).

Che Guevara e muitos outros, embora num tempo em que a real condição histórica não era favorável à sua implementação efetiva e duradoura.

Prossegue na linha dos grandes clássicos, a começar por Marx, para indicar que a “alienação da humanidade” é resultado, única e exclusivamente, de um tipo determinado de desenvolvimento histórico (e de nenhuma outra força estranha, natural ou exterior ao homem). Sendo, portanto, fruto das relações humanas, pode ser positivamente alterado pela intervenção consciente no processo histórico para “transcender a autoalienação do trabalho”. A história pode ser assim, redirecionada para a realização humana e a riqueza produzida pelo trabalho ser destinada aos 99% de produtores e não para o 1% que vive da valorização e acumulação do capital. A partir de sua análise rigorosa dos últimos desenvolvimentos históricos, Mészáros identifica que o sistema do capital, em sua fase ascendente, cumpriu seu papel civilizatório, mas, na atual fase descendente, representa a destrutividade em todos os domínios da vida humana.

Lembra-nos, também, que há certo limite a que a humanidade possa suportar a decadência e o sofrimento que esse sistema de exploração nos impõe. Como as crises são intrínsecas ao capital, a reação da classe trabalhadora a essa condição de exclusão total, do poder de decisão, das formas de produção e reprodução de nossas vidas, é também persistente. Assim, as manifestações e os protestos sociais desde as do passado, e as atuais que ocorrem em todo o mundo e no Brasil, como em junho de 2013,<sup>11</sup> trazem em si o germe do que precisa ser superado. Ainda que de forma intuitiva, sinalizam para aquilo que Mészáros vem insistindo ser necessário - uma mudança “radical na política”; uma “ofensiva socialista”; uma “teoria da transição”, que oriente a classe trabalhadora a ir “para além do capital”.

Embora nos alerte, também, quanto aos desafios impostos às forças do trabalho nessa travessia, o que implica derrotar as forças globais do capital, hoje sob o controle e a hegemonia estadunidense, que continuam a ameaçar a humanidade, seja pela imposição de seu *status quo*, seja pelo seu arsenal de guerra, ambos totalmente destrutivos, a exemplo de todos os malefícios já realizados e dos preparativos para um novo e eminente ataque, desta vez à Síria.

Por tudo isso, podemos aplicar as suas teses, a mesma máxima que atribuiu ao ideário de Bolívar e Chaves, o “espírito da determinação radical”, pois apontam para a possibilidade do socialismo, entendido este como a erradicação do capital de toda a nossa ordem social. A sua obra é um testemunho de seu compromisso com a humanidade e da consciência de sua responsabilidade intelectual. Podemos dizer que suas formulações soam como um clamor – principalmente àqueles que não se identifiquem com os valores da sociedade burguesa – para que cada um e todos procurem visualizar e atuar conforme o imperativo de que é o homem quem faz a história. Ainda que em circunstâncias adversas como as que enfrentamos nos tempos atuais.

---

<sup>11</sup> N.E.: Cf. Editorial deste número da revista *Trabalho & Educação*.

## REFERÊNCIAS

- AMIN, Samir *et al.* **Dynamics of global crisis**. Londres: Monthly Review Press, 1982.
- ANTUNES, Ricardo. Introdução: a substância da crise. In: MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. Tradução de Francisco Raul Cornejo *et al.* 2.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- JINKINGS, Ivana; NOBILE, Rodrigo (Org.). **Mészáros e os desafios do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- MÉSZÁROS, István. A crise atual. **Ensaio: Filosofia, Política e Ciência da História**, São Paulo, n.17/18 (edição especial), 1989.
- \_\_\_\_\_. **Para Além do Capital**: rumo a uma teoria da transição. Campinas: UNICAMP; São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. (Coleção Mundo do Trabalho).
- \_\_\_\_\_. **O poder da ideologia**. Tradução de Paulo César Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. (Coleção Mundo do Trabalho).
- \_\_\_\_\_. Bolívar e Chaves: o espírito da determinação radical. **Margem Esquerda**: ensaios marxistas, São Paulo, n.8, p.76-86, nov.2006a. Sumário e comentários disponíveis em: <[http://www.boitempoeditorial.com.br/revista\\_margem\\_esq.php](http://www.boitempoeditorial.com.br/revista_margem_esq.php)>. Acesso em: 10 jul.2013.
- \_\_\_\_\_. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006b.
- \_\_\_\_\_. **O desafio e o fardo do tempo histórico**: o socialismo do século XXI. Tradução de Ana Cotrim, Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. (Coleção Mundo do Trabalho).
- \_\_\_\_\_. **Estrutura social e formas de consciência**: a determinação social do método. Tradução de Luciana Pudenzi, Francisco Raul Cornejo, Paulo Cezar Castanheiras. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A crise estrutural do capital**. Tradução de Francisco Raul Cornejo *et al.* 2.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- \_\_\_\_\_. Uma crise estrutural necessita de mudança estrutural. **Margem Esquerda**, São Paulo, n.17, nov. 2011a.
- ORR, Judith; WARD, Patrick. Interview: a structural crisis of the system. **Socialist Review**, Londres, jan.2009. Disponível em: <<http://www.socialistreview.org.uk/article.php?articlenumber=10672>>. Acesso em: 10 jul. 2013.
- TONET, Ivo. Marxismo para o século XXI. **Margem Esquerda**: ensaios marxistas, São Paulo, n.5, p.103-121, mai.2004

Data da submissão: 31/07/2013  
Data da aprovação: 30/08/2013